

Instrumentos de mediação pedagógica e seus sentidos para formadores sindicais de uma entidade de representação de trabalhadores rurais *

Pedagogical mediation instruments and their senses for trade union trainers

Josefina Virgulino Baetens

Lucília Regina de Souza Machado

Centro Universitário Una, Brasil

Resumo

Este artigo relata pesquisa exploratória realizada junto a cinco formadores sindicais de uma entidade de representação de trabalhadores rurais sobre instrumentos pedagógicos, que utilizam em suas práticas de formação político-sindical e suas justificativas para esse uso. Esses formadores foram escolhidos em razão do grau de envolvimento com esse tipo de formação, submeteram-se a entrevista semiestruturada e participaram de um grupo focal. Os dados coletados foram analisados considerando os sentidos pessoais e os significados sociais de instrumentos pedagógicos manifestados por eles. Esses dados foram organizados em categorias de análise e discutidos levando-se em conta as formações didáticas desses sujeitos. Dentre os instrumentos pedagógicos, o corpo do formador apareceu como o primordial. Os resultados obtidos favorecem o aprofundamento da reflexão e discussão sobre instrumentos pedagógicos, especialmente os que têm sido utilizados na formação político-sindical, e a necessidade de estímulos à realização de inovações sociais nesse campo de intervenção formativa com a perspectiva de contribuir para o avanço da luta sindical e a promoção do desenvolvimento local.

Palavras-chave: Instrumentos pedagógicos; mediação; sentido pessoal.

Abstract

This article relates the exploratory research done with five union trainers of an agency representing rural workers about pedagogical instruments, that use in their political-trade union practices, and their reasons to this use. These trainers were chosen because of the degree of involvement with this type of formation, they were submitted to a semistructured interview and participated of a focus group. The collected data were analyzed considering the personal senses and the social meanings of pedagogical instruments manifested by these trainers. These data were organized in analysis categories and discussed taking into account the didactic formation of these trainers. Among these pedagogical instruments, the body of the trainer appears as primordial. The obtained results favor the deepening of reflection and debate about pedagogical instruments, especially those that have been used in political-trade union formation and the need of stimuli to execution of social innovations in this area of formative intervention with the perspective of contribute to the advance of the union struggle and promotion of local development.

Keywords: *Pedagogical instruments; mediation; personal sense.*

* Trata-se de uma entidade sindical, que congrega mais de 500 sindicatos de trabalhadores rurais e que representa a classe trabalhadora rural em seus diversos segmentos, tais como: acampados e assentados da reforma agrária, agricultores familiares, assalariados rurais, meeiros, arrendatários, totalizando mais de um milhão de trabalhadores rurais associados.

1. INTRODUÇÃO

Sob o prisma do materialismo histórico-dialético e da psicologia histórico-cultural, este artigo tem o propósito de analisar resultados de pesquisa exploratória junto aos formadores sindicais destinada a conhecer os instrumentos pedagógicos que utilizam nos seus processos de formação e os motivos e sentidos dados por eles a essa utilização.

Como essa formação sindical é realizada no contexto das relações sociais capitalistas, participa das disputas de poder pela produção de significados e controle da atividade humana de trabalho. No contexto da produção material da existência, que no capitalismo se dá mediante estratégias de acumulação do capital, tais relações, no interesse das forças hegemônicas, tendem a ser naturalizadas. São questões que impactam os entendimentos dos formadores sobre seu papel político e pedagógico e podem condicionar a formação sindical.

Nesse sentido, entende-se a crítica de Corrêa (2009), quando alerta para o risco que a formação sindical corre de se diluir em atividades de formação profissional, especialmente quando desenvolvidas com fins pragmáticos e segundo a lógica economicista. Da mesma forma, o questionamento de Santos (2011), quando destaca os equívocos da abordagem prático-utilitarista e do praticismo, na formação sindical, que resulta em desprezo pela discussão teórica.

116

A pesquisa empírica da qual trata este artigo buscou, portanto, aproximar-se dessa discussão recorrendo a depoimentos de formadores sindicais. Para tanto, utilizou esta questão como guia: quais observações são feitas pelos formadores sindicais no que tange os significados sociais e sentidos pessoais dos instrumentos de mediação pedagógica, considerando-se as atuais necessidades e demandas do movimento sindical dos trabalhadores do campo?

A amostra de formadores foi selecionada com base no critério de volume de carga horária assumida individualmente na formação de trabalhadores rurais e no contexto dos processos formativos da entidade. Esse indicador foi utilizado para definir quem seria os principais formadores sindicais dessa entidade. Outro indicador considerado foi a atuação em outras frentes formativas sindicais de trabalhadores urbanos. Dois entrevistados também ocupam cargos em uma estrutura sindical, uma de direção e outro em atividades de pesquisas destinadas a suprir informações de interesse do trabalho sindical. Os demais realizam a formação sob a orientação

de uma diretoria e de um conselho sindical. O tamanho da amostra e a natureza qualitativa, exploratória e descritiva da pesquisa realizada não permitem conclusões generalizáveis. Ela se compõe de cinco formadores:

- Pesquisador, historiador, mestre em história econômica, graduado em Direito, formador sindical de trabalhadores urbanos e rurais com histórico de 500 horas de experiência em formação sindical de trabalhadores rurais.
- Assessora, assistente social com histórico de 800 horas de formação sindical de trabalhadoras rurais.
- Coordenadora de comunicação de um centro de formação sindical, professora de história, dirigente sindical com histórico de 990 horas de formação sindical de trabalhadores rurais.
- Assessora, agroecóloga com histórico de 850 horas de atuação na formação sindical de trabalhadores rurais.
- Assessor de comunicação, com experiência em relações internacionais, jornalista, graduado em Direito, especialista em gestão ambiental com histórico de 400 horas em formação sindical de trabalhadores rurais e foco em tecnologias e recursos áudio visuais.

As entrevistas realizadas com cada um deles foram do tipo semiestruturado, de forma que tivessem tempo e gozassem de flexibilidade para responder às questões. Eles participaram, ainda, de um grupo focal destinado ao aprofundamento da discussão em torno de algumas perguntas consideradas de importância considerando-se o que foi apurado antes com as entrevistas.

Tendo por eixo a prática pedagógica dos entrevistados, as entrevistas foram conduzidas de forma a obter deles elementos para subsidiar a discussão sobre instrumentos pedagógicos, seus sentidos e significados. Embora não fosse objetivo da pesquisa realizada, os entrevistados apresentaram interesse em discutir as vicissitudes da formação didática de formadores sindicais, ou seja, suas inconstâncias, fragilidades, casualidades e contingências. Houve, também, uma ênfase maior no instrumento pedagógico representado pelo corpo do formador sindical.

É importante esclarecer que a realização dessas entrevistas e do grupo focal foi precedida da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa de uma instituição universitária e que todos os entrevistados concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As referências teóricas desta pesquisa advêm da abordagem histórico-cultural, especialmente das contribuições de Vygotsky (2001) e Leontiev (1978) para os estudos sobre significados sociais e sentidos pessoais.

Os sentidos que têm fundamento na história e no contexto das relações sociais decorrem de processos de subjetivação dos conceitos e palavras. Tanto os sentidos pessoais quanto os significados sociais são historicamente construídos. Os significados sociais caracterizam-se, segundo a teoria histórico-cultural, pelo caráter mais estável quanto à sua generalização, uma vez que o sentido pessoal é mais dinâmico e se altera de acordo com o contexto e processo histórico de cada sujeito. (Leontiev, 1979).

Machado¹ assinala que a atividade humana objetiva implica uma relação de mediação entre homem, natureza e homem, resultando em conhecimento e aprendizagem, considerando que essa “[...] atividade é um processo de percepção e transformação do mundo e de si mesmo nessa transformação”. Como construtos sócio-históricos, as “[...] atividades estabelecem relações mútuas, elos entre atividades passadas e futuras e, nesse processo solidário, elas são mediadas por artefatos (instrumentos, signos e linguagem), por regras sociais, e pela divisão social do trabalho”.

118

O estudo do processo de ensino-aprendizagem na perspectiva histórico-cultural tem salientado a relevância da atividade mediada por signos e instrumentos no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Vygotsky (1998) destacou a importância da atividade mediada para a internalização dessas funções. Mas, as mediações por signo e por instrumento são de natureza diversa, pois enquanto o signo constitui a atividade interna dirigida para o controle do próprio sujeito; o instrumento é orientado externamente para o controle da natureza. Tanto o controle interno como o da natureza acarretam mudanças no funcionamento cognitivo: o primeiro ocasiona o desenvolvimento de funções psicológicas superiores e, o segundo, a relação do homem com o seu ambiente, permitindo que o homem mude a natureza e que, ao fazê-lo, altere a sua própria.

Tendo os instrumentos de trabalho como um elemento da categoria de mediação, delineado por Vigotsky (1998), entende-se que o estudo do papel de interposição desses possibilita ter um olhar privilegiado sobre o processo de transformação do mundo pelo homem e de si por meio de sua atividade, a atividade humana.

¹ Em seminário sobre Atividade Humana, Técnica e Tecnologia em 2016.

Na consulta realizada junto aos formadores, buscou-se, portanto, identificar instrumentos pedagógicos utilizados na prática sindical, os motivos desses usos e os atributos de sentido conferidos por eles a essa utilização. Viu-se que eles podem ser alterados de acordo com o contexto da prática formativa e que o corpo do formador foi destacado por todos como o principal instrumento pedagógico utilizado. A compreensão dos seus instrumentos pedagógicos pode permitir entender aspectos relevantes da atividade de cada formador e, com isso, como se posicionam em relação aos significados sociais atribuídos a eles e os sentidos que cada um lhes desperta.

Este segmento de formadores atua num contexto sóciopolítico de defesa de trabalhadores, portanto os motivos que justificam suas atividades estão associados, em geral, à sua própria militância. Para eles a atividade formativa é uma atividade política e isso os anima à disposição à realização desse trabalho com muito otimismo. Pesquisa realizada junto a professores de inglês de escola pública aborda o contraste entre o significado social da atividade docente nesse tipo de ensino e o sentido pessoal que ela tem para eles. Januskiewtz (2010) observou que as condições objetivas de limitação da realização do trabalho desses professores explicariam a discrepância entre significados e sentidos manifestados por eles. Nesse caso, os professores estavam impedidos de realizar as ações por eles idealizadas o que lhes causava um profundo mal-estar e descontentamento.

119

A pesquisa de Januskiewtz (2010) e a feita com os formadores sindicais sobre seus instrumentos pedagógicos se alinham ao buscar a correlação entre condições de realização da atividade e os nexos entre significados sociais e sentidos pessoais que as informam.

Para compreender tal problemática foi proposto um roteiro da entrevista com os formadores sindicais composto por dezenove perguntas. Para o grupo focal, foram selecionadas cinco delas visando ao aprofundamento da discussão. Teve-se a intenção com tais consultas de entender se os formadores se sentiam protagonistas na escolha e uso dos instrumentos pedagógicos, se tinham um olhar mais instrumentalista com relação a eles, que entendimentos tinham sobre didática e como gostariam de avançar nesse campo considerando-se as necessidades por eles mesmos apontadas.

2. INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS UTILIZADOS POR FORMADORES SINDICAIS DA EM PROCESSOS FORMATIVOS SINDICAIS

A pesquisa empírica mostrou que os formadores consultados compreendem que os instrumentos pedagógicos se interpõem entre eles e os educandos no processo de ensino-aprendizagem. Mesmo tendo percorrido caminhos formativos diferentes, ficou claro que eles consideravam que instrumentos pedagógicos fizeram parte de suas trajetórias pessoais. Porém, nas suas falas, a reflexão sobre seu uso e sua compreensão do ponto de vista social, cultural e histórico pouco aparece.

Para esses formadores, os instrumentos pedagógicos são todos os componentes constitutivos do ambiente de ensino-aprendizagem. Partindo dessa premissa, eles elencaram os seguintes:

2.1 Textos com temas específicos, apostilas e jornais impressos

Trata-se de materiais extracorpóreos, impressos, de uso tradicional nos processos formativos, com potenciais inovadores. Pelas suas características de uso quase universal por formadores, podem também ser encontrados, de um modo geral, vulgarizados.

120

2.2 Tarjetas ou retângulos de cartolina recortados em diferentes tamanhos

Usadas em atividades individuais ou em grupo, a fim de ilustrar um conceito ou tema, fazer diagnósticos iniciais de aprendizagem, verificar se houve o entendimento ou a compreensão do conteúdo ministrado, rever conceitos em igual passo com a prática ou até mesmo avaliar o aprendizado. Como são de fácil manuseio e flexíveis, podem ser coladas em cartazes, tecidos, paredes e ficar expostas para possíveis retornos às respostas. Trata-se de um instrumento pedagógico extracorpóreo bastante dinâmico e que junto com os pincéis coloridos, canetas e fitas adesivas compõem um material de papelaria muito utilizado pelos formadores sindicais da Fetaemg.

2.3 Projetor ou data show

Todos os formadores entrevistados disseram ser de amplo uso por eles. Como requer suportes tecnológicos, pode ser uma estratégia que se frustra, considerando-se o ambiente de formação sindical rural. Às vezes, o transporte do equipamento não é viável; outras é a luz elétrica que oscila ou é a dificuldade de manuseio. Seu uso demanda conhecimentos específicos. Mesmo com esses pontos críticos, foi o

primeiro equipamento citado por todos os entrevistados. Para esse equipamento, o computador é um aporte imprescindível, uma vez que esse último possibilita a consolidação de vários equipamentos visuais, de áudio e audiovisuais; nele, estão os *softwares* que são utilizados para as projeções como o *power point* (programa utilizado para a criação/edição e exibição de apresentações gráficas) e o *prezzi* (programa utilizado para a criação/edição e exibição de apresentações não lineares), os filmes e editores de filmes, e as músicas a serem utilizadas como apoio pedagógico.

2.4 Microfone e caixas de som

Os formadores disseram que tais instrumentos são indispensáveis para a formação de lideranças, diretores sindicais e funcionários de sindicatos de trabalhadores rurais. Considerado como um grande apoio nas ações sindicais de base junto aos trabalhadores, o microfone é utilizado como instrumento pedagógico e, ao mesmo tempo, como tema nas aulas de oratória sindical. O bom manuseio desse instrumento pode garantir o êxito da ação sindical.

2.5 Fotos, imagens, banneres, cartazes

São aqueles instrumentos pedagógicos visuais que não demandam o concurso de equipamentos. Oferecem praticidade, porém são pouco flexíveis por serem, em grande medida, não passíveis de alteração conforme a necessidade do processo de ensino-aprendizagem. Geralmente, nas aulas de História do Movimento Sindical Rural no Brasil, em Minas Gerais e na região que sedia a formação, são utilizadas fotos antigas para compor a metodologia da construção da linha do tempo daquele grupo.

121

2.6 Lousa ou quadro negro e o flip chart

Foram também citados, mas como instrumentos pedagógicos visuais de menor uso. Esse último é um quadro usado para exposições didáticas, em que fica preso um bloco de papéis. O apresentador vira a folha (em inglês, *flip*) quando esta está totalmente preenchida, sem perder tempo com operações de apagar quadros.

2.7 Salas de aula

Elas não apareceram como um instrumento pedagógico nas falas dos entrevistados, talvez por conta da característica itinerante da formação sindical, que lança mão de locais para as aulas adaptáveis a essa atividade, uma vez que elas acontecem em sindicatos locais ou em espaços de polos regionais, dentre outros. “A formação

acontece onde há trabalhador, lideranças, diretores sindicais”, afirma uma entrevistada. Para discutir o tema Agroecologia, que para esse movimento é uma bandeira de luta contra a produção ostensiva do Agronegócio, o conhecimento presencial de experiências concretas de atuação é visto como essencial. Destarte, locais onde há produção agroecológica qualificam a formação, uma vez que se podem discutir a teoria, a prática e os aspectos políticos sindicais nela implicados.

2.8 O corpo físico

Na sua materialidade, concretude, dimensão, realidade, forma e funções foi o instrumento pedagógico mais citado e realçado pelos formadores. Mereceu um grande destaque nas suas falas, que contemplaram aspectos qualitativos relevantes. Em vista disso, uma sessão específica deste artigo foi reservada para abordar esse instrumento com maior detalhamento.

Conforme Marx (1844), Leontiev (1978) e Machado (2010), os instrumentos são mediadores imprescindíveis à realização das atividades humanas, ao intercâmbio social, à consolidação de experiências e à produção de conhecimentos, uma vez que concorrem para o estabelecimento das relações dos homens com a natureza, com os outros seres humanos e consigo mesmos. O processo de mediação instrumental é, também, reelaborado pelos homens levando à criação de novos instrumentos, ao aperfeiçoamento dos existentes, e, como consequência, à promoção deles como novos homens em decorrência das novas relações sociais que emergem das reparações técnicas e das novas invenções.

122

3. SIGNIFICADOS SOCIAIS E SENTIDOS PESSOAIS ATRIBUÍDOS PELOS FORMADORES SINDICAIS A INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS

O primeiro significado social a ser citado é a compreensão de que os instrumentos pedagógicos são um meio, um aporte, uma ferramenta ou como disse um dos entrevistados: “aquilo que capacita o formador a levar o ensino aos formandos”.

Ao serem indagados sobre como conheceram os instrumentos pedagógicos que utilizam, todos foram categóricos ao afirmar que o fizeram no contexto das relações objetivas de suas próprias formações, bem como admitem que foram para as ações formativas sindicais sem terem feito muita reflexão sobre eles. Esses formadores

memorizaram, a partir de suas experiências, a necessidade de meios para fazer a interposição deles com seus alunos, ao observarem seus professores e outros formadores em suas respectivas formações.

Portanto, ao afirmarem que instrumentos são suportes pedagógicos, isto foi internalizado nas suas vivências em meios sociais, na adoção da noção genérica de que é preciso contar com tais apoios, porém sem avançar na apropriação conceitual a respeito deles. O mesmo se aplica ao termo pedagógico. Eles o internalizaram ao associarem os suportes, instrumentos e equipamentos identificados como instrutivos ao campo da Educação. Igualmente, passaram a utilizar o termo pedagógico sem uma reflexão específica sobre ele.

“Eles podem levar grande número de informações” – foi o significado que um dos entrevistados atribuiu ao projetor e às apostilas. No seu conjunto, os formadores apreenderam, em suas relações sociais e com o mundo, que tais ferramentas contribuem para o fornecimento de um número significativo de noções, atender aos anseios de uma sociedade em si produtora de muita informação, aos estímulos do olhar e das demandas contemporâneas de conhecimento.

Os significados, como noção, aceção e interpretação, são conteúdos introduzidos, tomados, repassados, impregnados e memorizados por meio de e no contexto histórico das relações sociais. Eles possuem um caráter menos dinâmico de mudanças e alterações. Estão codificados no que Leontiev (1978) chamou de sistema de significados.

[...] significado es la generalización de la realidad que ha cristalizado, que se ha fijado en su vehículo sensorial, por lo general en una palabra o una combinación de palabras. Es la forma ideal, espiritual, en que cristaliza la experiencia social, la práctica social de la humanidad. El conjunto de nociones de una sociedad, su ciencia, su idioma, todo este sistema de significado. Por consiguiente el significado pertenece en primer término al mundo de los fenómenos objetivo-históricos ideales. (Leontiev, 1978, p. 213).

Nos momentos das afirmações sobre as potencialidades pedagógicas do corpo de cada um, surgiu um dado interessante sobre as vestimentas que formadores usam ou deveriam portar em atividades pedagógicas. Segundo eles, trata-se de algo a ser escolhido com cuidado, pois “o machismo ainda é forte nestes tempos” ou porque “as roupas devem ser simples, pois trabalhadores rurais são simples”. Assim, afirmam que, às vezes, abrem mão de usar roupas e apetrechos de suas preferências pessoais.

Sobre os instrumentos pedagógicos audiovisuais, dois dos cinco entrevistados afirmaram que esses não devem ser os meios principais para suas atividades formativas e até mesmo alegam que o modismo vem junto com certas novidades tecnológicas, não isentas das incursões mercadológicas no processo educativo.

Entretanto, houve posicionamentos de que não há um alinhamento necessário sobre usos e apropriações de novidades tecnológicas nos processos formativos sindicais de trabalhadores rurais, de forma que a crítica aos dispositivos tecnológicos que emergiu nas suas falas parece ter sido criada e difundida por discursos externos a eles, como um significado social necessariamente não coincidente com suas formas pessoais de utilização e apropriação dos equipamentos tecnológicos.

Alegações sobre “a falta de tempo” (de todos os entrevistados) foram usadas para justificar a falta de reflexão pessoal sobre instrumentos pedagógicos. Elas também compõem o significado social de “modismo” (segundo três dos cinco entrevistados). Ou seja, o seguimento acrítico de tendências teria a ver com o tempo exíguo para as reflexões sobre isso em decorrência do volume das atividades pessoais e das demandas a serem atendidas. A despeito disso, declararam ter a intenção de “se organizarem” para, no futuro, refletirem e conhecerem melhor as implicações dos instrumentos pedagógicos, inclusive dos que usam.

124

O sentido pessoal relaciona-se ao significado social, porém eles diferenciam-se. Enquanto esse último está ligado ao mundo objetivo; o sentido pessoal vincula-se à própria vida do sujeito no mundo, suas percepções, e é determinado pelos motivos que o impulsionam à atividade. Segundo Leontiev (1978), “[...] el sentido expresa la relación del motivo de la actividad con la finalidad inmediata de la acción”. (Leontiev, 1978, p. 215).

Os significados são assimilados pelos sujeitos e dependem das suas relações sociais. Porém, o sentido pessoal pode desencontrar-se do significado social, visto que “[...] la encarnación del sentido en los significados es un proceso profundamente íntimo, psicologicamente rico, nada automático, instantáneo”. (Leontiev, 1978, p. 121). Os sentidos possuem uma característica dinâmica em função dos motivos que podem variar nas atividades. Os motivos mudam e assim mudam os sentidos.

Os sentidos pessoais são, assim, colocados pelos formadores sindicais entrevistados com maior riqueza de detalhes, maior envolvimento e expectativa de efetividade.

Apareceram durante a entrevista afirmações como: “os meus instrumentos pedagógicos refletem quem eu sou como formador”, “é prazeroso levar ao máximo a formação por meio dos instrumentos pedagógicos”, “vai depender da nossa criatividade na hora de usar”, dando o tom dos sentidos pessoais que os formadores sindicais atribuem aos instrumentos que utilizam.

Nas falas sobre a utilização do projetor, os formadores argumentaram que se essa não for criativa e com a elaboração apoiada em *softwares* como o *Power point* e *prezzi* e se o conteúdo não for de fácil entendimento, ele não cumprirá sua função de mediar. Para eles, essa utilização só faz sentido se contar com o olhar cuidadoso e criterioso do formador, pois o motivo do seu uso deve ser o atendimento da necessidade de adequação do conteúdo a uma linguagem atrativa aos formandos.

O uso de *flip chart*, jornais, quadro negro ou lousa depende, segundo os formadores, de condições de logística. O quadro negro, especificamente, é lembrado com nostalgia. As referências a ele vêm acompanhadas de recordações de antigos professores, admirados pela utilização talentosa desse aparato. Conforme expressão de um entrevistado, “com maestria”. O motivo para sua utilização na formação sindical seria um desafio, pois teria que ser em moldes atuais, “enquanto professores/formadores da era moderna”.

O sentido para o uso das tarjetas e cartazes advém das possibilidades que oferecem para a realização de diagnósticos iniciais de turmas de formação e para o entendimento das expectativas e linguagens dos formandos/alunos. Os formadores consideram que tal uso corresponde a um gesto democrático e de flexibilidade, uma vez que esses instrumentos possibilitam alterar o “caminho pedagógico” que tinham planejado. Eles afirmam, com base em suas respectivas experiências, que essa postura flexível e dinâmica tem sido uma construção, pois nem sempre ocorreu já que em determinados momentos de suas trajetórias foram menos receptivos às questões vindas dos alunos ou, conforme termo por eles utilizado, “sensíveis” diante delas.

Ainda na esfera dos instrumentos pedagógicos visuais não dependentes de recursos tecnológicos informáticos, os formadores veem sentido em utilizar as tarjetas, cartazes, fotos e apostilas como recursos destinados a mostrar aos formandos conteúdos relativos à história deles e à realidade de suas atividades produtivas rurais e sindicais, para, como dizem, “aproximar a teoria e a prática”. Tratando de uma

prática sindical real, os formandos sentir-se-iam, assim, mais familiarizados com os conteúdos da formação e os formadores mais confortáveis para fazer avanços nas suas análises e discussões.

Para os formadores, o sentido da utilização de textos sobre assunto específico ou de filmes é dado pela necessidade de reforçar as condições dos formandos de internalizar conteúdo. Justificaram que os alunos precisam ter contato com linguagens de significado social acadêmico, elitizadas pela apropriação restrita delas como expediente para distinguir e segmentar socialmente. No entendimento dos formadores que defendem essa ideia, ela tem um sentido muito especial, pois a linguagem acadêmica é um conhecimento construído socialmente, que não deve ser manipulado para fazer distinções de classe social ou de poder. Argumentam que a classe dos trabalhadores tem sido alijada dos conhecimentos eruditos em favor da classe dominante.

126

Para os formadores, o microfone e seu uso adequado aparecem como um dos maiores desafios pessoais. Eles creditam um grande sentido à sua utilização, pois sua utilidade transcende a atividade de formação e se estende às ações sindicais em geral. Ele é entendido como um artifício capaz de tornar as exposições e falas mais contundentes, pois realça a voz e atrai as atenções para o orador. Os entrevistados observaram que esse instrumento de comunicação precisa ser apreendido com maior astúcia e engenhosidade pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais para que possam tirar maior proveito dele ou como disseram: em “favor deles” na sua base sindical. Por esse motivo e já que esse instrumento faz parte de suas respectivas vivências, o domínio de técnicas de uso de microfone tem para os formadores um sentido muito especial, pois não se restringe a potencializar a dimensão da comunicação no processo de formação, já que ele é também um instrumento imprescindível às atividades sindicais.

Porém, o recurso pedagógico representado pelo uso do próprio corpo pelos formadores sindicais foi o instrumento que se mostrou, nas suas falas, mais densamente carregado de sentidos pessoais. Por todos eles, foi considerado o mais elementar dos instrumentos, pois na falta de qualquer outro artefato pedagógico, é ele que tem que estar preparado para substituí-lo. “O corpo fala” foi a expressão mais utilizada para determinar a importância dada a ele no processo de ensino-aprendizagem. As posturas compreendendo a presença física, as atitudes, os modos de agir, os comportamentos, o olhar, especificamente o olho no olho, o toque que desperta o aluno indolente, a forma de se apropriar do espaço físico para as aulas são diferenciais específicos do corpo do formador como mediador processo de ensino-aprendizagem.

O sentido do corpo, categorizado como o primordial instrumento pedagógico pelos entrevistados, se mostrou associado ao orgulho de ser formador para a maioria deles. Ao conseguirem vencer medos, inibições e vergonhas de se exporem, eles conquistam o poder de usufruir de relações mútuas de aprendizagem e de amizade com seus alunos, que “levam para a vida inteira”, bem como os conhecimentos que esses trazem de suas “lidas como trabalhadores rurais”.

Inquietações e dúvidas sobre o mau ou o bom uso dos instrumentos pedagógicos apareceram de forma recorrente nas entrevistas e no grupo focal e foram colocadas como desafios para reflexão sobre como o formador deve agir em ambientes e situações educacionais, dentre os quais se incluem os referentes à formação sindical. Eles problematizaram certos deslumbramentos, fascínios e seduções provocados por determinadas ferramentas pedagógicas sem que tais recursos sejam vistos a partir de reflexão contextualizada e crítica, entusiasmo que pode levar ao atordoamento instrumentalista.

4. A ESCOLHA DOS INSTRUMENTOS: UMA QUESTÃO DA DIDÁTICA?

Os formadores entrevistados deram grande importância às atividades de formação, especialmente para a emancipação humana e a superação de processos que colocam os trabalhadores e trabalhadoras em situação de subalternidade, extorsão e exploração pelo capital. Mostraram-se preocupados com a qualidade do ensino ministrado e com quem aprende.

A didática, por ser o campo de estudo dedicado aos processos de ensino com vistas à aprendizagem, pode elucidar a relação estabelecida entre formadores e instrumentos pedagógicos ao oferecer-lhes elementos para a reflexão político-pedagógica sobre suas práticas. É preciso, contudo, considerar que esse campo abriga diferentes vertentes, que em nome da melhoria da educação podem ter visões políticas, sociais e históricas contrastantes.

Para o contexto estudado, a formação político-sindical, é importante considerar a compreensão desses formadores, que se veem como integrantes da classe dos trabalhadores, e suas convicções com respeito à necessidade de enfrentar o pensamento hegemônico capitalista inclusive em determinadas visões educacionais. Antes de tudo, faz-se necessário levar em conta que eles são seres sociais e históricos, dispostos a modificar a realidade e a se transformarem ao fazerem suas intervenções pedagógicas.

Proferida popularmente, a palavra didática tem significados sociais abrangentes: serve para alguém dizer “esse professor não tem didática” ou para fazer constatações do tipo “preciso de uma didática para resolver esse problema”. São significados que tratam de estratégias, métodos e técnicas, mas circunscritos ao senso comum, que podem ser considerados suficientes para alguns trabalhadores da educação. Mas a didática vai muito além. Nas explicações de Libâneo (2012, p. 1), “[...] os elementos integrantes do triângulo didático – o conteúdo, o professor, o aluno, as condições de ensino aprendizagem - articulam-se com aqueles socioculturais, linguísticos, éticos, estéticos, comunicacionais e midiáticos”.

A didática é um campo de estudo sobre processos de ensino com vistas à aprendizagem. Isso significa que, na sua centralidade, ela demanda tencionar conhecimentos evocando as condições para que os professores e formadores realizem adequadamente sua atividade.

Sforni (2015) buscou investigar a interação entre a didática e teoria histórico-cultural, referência para a realização da pesquisa aqui relatada, com vistas a refletir sobre a organização da aprendizagem para a condução ao desenvolvimento mental do educando. Esse esforço é importante, pois Vygotsky não teve a didática como foco de seus estudos.

128

Os instrumentos pedagógicos, na qualidade de mediadores de aprendizagem, interpõem-se entre quem ensina e quem aprende, sendo tais dispositivos e recursos também conteúdo de estudo da didática. Portanto, a reflexão amadurecida e habitual dos professores e formadores sobre seus instrumentos pode lhes permitir a definição e redefinição de sua prática de acordo com condições materiais e concretas de sua sala de aula ou do processo educativo e formativo. Esse exercício pode lhes permitir atribuir sentidos à sua atividade e uma adequada ou correta organização da aprendizagem. Com isso, o professor e o formador podem usufruir de condições mais seguras para sua atuação política pedagógica.

Sforni (2015) diz que:

Inicialmente, no campo da Didática, evitou-se o tecnicismo (década de 1980); posteriormente, adotaram-se perspectivas de formação advindas das políticas neoliberais (década de 1990 e início deste século), dentre as quais se destacam as discussões sobre sua própria identidade, os estudos de novos temas típicos da pós-modernidade e as pesquisas sobre formação de professores com foco nas representações, nos saberes, nas aprendizagens docentes. (SFORNI, 2015, p. 377).

No seu entendimento, chegou o momento de prestar atenção à contribuição da teoria histórico-cultural para a Didática, pois o processo educacional escolar ou não escolar que se identifica com essa teoria parte do princípio de que a educação é um processo de humanização, por meio do qual os bens culturais produzidos pela humanidade são apropriados pela interação com o mundo diretamente ou pelo conhecimento teórico que não pode ser captado diretamente pelo sujeito. Nesse sentido, também converge Libâneo:

Com efeito, as crianças e jovens vão à escola para aprender cultura e internalizar os meios cognitivos de compreender e transformar o mundo. Para isso, é necessário pensar – estimular a capacidade de raciocínio e julgamento, melhorar a capacidade reflexiva e desenvolver as competências do pensar. A didática tem o compromisso com a busca da qualidade cognitiva das aprendizagens, esta, por sua vez, associada à aprendizagem do pensar. (LIBÂNEO, 2004, p. 5).

A Didática tem, assim, a incumbência de contribuir para a discussão sobre todos os aspectos que envolvem o uso de ferramentas, dispositivos, recursos e meios que servem de mediação à prática pedagógica. Conforme Freitas (2007), ela permite a elaboração de conhecimentos considerando a realidade sociocultural do aluno.

Freitas (2007) e Bandeira (2009) elaboraram conceitos para material didático: recursos, tecnologias e produtos pedagógicos utilizados nos processos educacionais para realizar a aproximação dos alunos ao conteúdo do ensino. Com foco na prática educacional, compilaram e discutiram sobre os instrumentos pedagógicos mais utilizados no Brasil com a finalidade de favorecer o aumento da reflexão sobre essa temática e o desenvolvimento da criatividade no seu uso.

A didática é, portanto, um campo importante para a pesquisa sobre a formação sindical, pois ela tem muito a dizer sobre o ato de ensinar, de organizar o processo educativo e de aprendizagem, de apreender conceitos que visem às ações concretas de superação dos processos de dominação. Nesse sentido, os instrumentos pedagógicos são elementos cruciais para essa discussão.

Os entrevistados se mostraram intencionados ao aprofundamento da discussão sobre cada instrumento pedagógico e sinalizaram sugestões de como, na prática, isso poderia ocorrer: “devemos ter a certeza dos nossos pressupostos políticos e ideológicos antes de olhar para o instrumento”, “por qual motivo é utilizado?”, “quais as suas características?”, “é necessário?”, “temos que ter a certeza de nossa competência técnica para manusear; se não, vamos aprender”, “estudar todas as possibilidades de uso para usarmos de forma otimizada, quem sabe uma aula com menos recursos pode ser uma aula excelente”, “conhecer e apropriar-se das

novidades tecnológicas, elas não devem ser somente do capital”, “temos que olhar mais para o nosso corpo e, com técnicas, exercitar nossas potencialidades, saber usar a voz é importante para mim”.

Eles alegaram ser necessários evitar determinismos instrumentalistas como, por exemplo, quando se estipula que a adoção de tecnologias de comunicação e informação é uma obrigação sem deixar margem para discussões do que isso significa e das condições implicadas nessa definição. Ainda, foi sinalizado que, no contexto da prática formativa sindical, as inovações tecnológicas de base digital ainda são pouco utilizadas, não por desestímulo da entidade, mas sim por se tratar de uma forma itinerante de trabalho: as ações acontecem o mais próximo possível do trabalhador rural e isto implica realizar grandes deslocamentos geográficos, o que às vezes limita o transporte de equipamentos e, ainda, em lugares que podem apresentar limitações para acessar a rede mundial de computadores. Contudo, para os formadores pesquisados, tais tecnologias conformam um forte sentido pessoal, pois entendem que é imperativo apropriar-se de todos os mecanismos que hoje impactam as atividades de trabalho e, assim, possibilitar a inclusão digital.

130

A esse respeito, Libâneo (2011) menciona os sentimentos que os professores têm experimentado diante das possibilidades da sua substituição pelos recursos advindos da tecnologia digital de informação e comunicação. Segundo ele, cabe aos professores se mobilizarem para um ensino de qualidade e mais próximo das novas necessidades dos alunos, ainda que isso se trate de uma condição para a sobrevivência profissional. Para tanto, faz-se necessária a formação continuada tendo em vista a elevação da qualificação docente em alinhamento com a realidade atual.

Eles destacaram a vontade e a necessidade de conhecer mais profundamente os instrumentos pedagógicos e sobre, nos dizeres deles, “a melhor pedagogia” para utilizá-los sob a justificativa de que sentem ter deficiências formativas em didática. Os que, em algum momento, tiveram oportunidade de cursar essa disciplina não se sentem seguros para falar sobre o assunto e muito menos fazer observações críticas com respeito aos procedimentos operacionais da sua prática de formação sindical, à mediação pedagógica de instrumentos.

Porém, a didática demanda que haja a reflexão amadurecida e rotineira dos professores e formadores sobre o que seus instrumentos pedagógicos podem ou não lhes permitir, sobre a definição ou redefinição de sua prática em acordo com as condições materiais e concretas de sua sala de aula ou do processo educativo e formativo. Esse exercício ponderado pode lhes permitir atribuir sentidos mais

enriquecidos à sua atividade formativa e fazer readequações na organização da aprendizagem (Vygotsky, 2001). Com isso, o professor e o formador podem usufruir de condições mais seguras para sua atuação político-pedagógica.

5. O CORPO EM DESTAQUE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

O corpo é a estrutura material do organismo humano e se compõe de diversos sistemas responsáveis pelo funcionamento dos seus processos biológicos e mentais. Em seu movimento, o corpo se expressa por meio de posturas e gestos. Gimenez (2001) vê nos gestos uma forma de linguagem, pois eles “[...] expresan directamente el aspecto afectivo o sentimental de un estado de conciencia; mientras que otros expresan directamente ideas y conceptos”. (GIMENEZ, 2001, p. 137). Portanto, assim entendido, o corpo se torna mediador na comunicação entre os sujeitos que executam seus gestos.

Nascimento (2011) também entende o corpo como instrumento pedagógico mediador de aprendizagem, quando afirma que as ações corporais junto das ações languageiras formam os gestos profissionais do trabalho de ensinar. Entendendo que o instrumento se encontra entre o trabalho do professor e o objeto de ensino e trazendo para o presente o conceito de mediação instrumental de Vygostyk (1993), essa autora vê a didática e os saberes disciplinares circundados pelos gestos: “Esses gestos fazem parte do *métier* profissional e adquirem importância porque são resultantes de uma racionalidade do agir que envolve tanto a didática do ato de ensinar como o saber específico da disciplina.” (NASCIMENTO, 2011, p.15).

O corpo em movimento seja no teatro ou na sala de aula, o corpo em movimento que aciona o instrumento musical ou o esquadro na aula de geometria, e a voz emitida pelo corpo em forma de música, poesia, parlendas ou repreensões, por exemplo, aparece como um instrumento fundamental quando se impõe a necessidade de ligar de forma imediata o conhecimento sistematizado ao aprendido do aluno.

Em outras circunstâncias educacionais e com outras motivações, Torres e Carballo (2010) estudaram o teatro, como técnica que usa eminentemente o corpo, na qualidade de instrumento pedagógico para o desenvolvimento de competências de alunos do curso de Administração da Universidade de Valência, Espanha. Para essa abordagem, que tem a teoria da aprendizagem vivencial e foco nas empresas como pressupostos, o objetivo era desconstruir a ideia de que o desenvolvimento de competências centrais de nível gerencial pelas escolas de administração deve

ser baseado apenas na transmissão de conhecimentos. Nesse caso, o uso do corpo e do teatro nas atividades de ensino visou o desenvolvimento nos alunos de competências que só seriam vivenciadas e desenvolvidas após estudos, quando esses já estariam atuando nas empresas.

O corpo, como instrumento pedagógico, aparece com grande ênfase nas observações dos formadores sindicais. De certa forma, a entrevista realizada com eles lhes provocou a oportunidade de refletir sobre o assunto e a percepção sobre a grande importância que ele tem na atividade de formação.

Em vários momentos das entrevistas, o corpo, em sua concretude, foi considerado pelos formadores como instrumento imprescindível às variadas instâncias da atividade sindical de um modo geral e com respeito ao que eles pensam e buscam efetivar em suas práticas de formação político sindical. “O corpo é também nosso instrumento de luta; o corpo e a linguagem são nossos maiores bens, sem eles não há luta”, assim se expressou uma formadora ao falar da sua percepção sobre a intervenção do corpo na formação sindical. Constatou-se, nas falas dos entrevistados, uma imediata associação do papel do corpo no desempenho de diversas ações sindicais e de como ele pode exprimir intencionalidades político-sindicais.

132

Mencionaram que os dirigentes e outros participantes do movimento sindical, por conta de suas experiências e vivências, trazem em seus corpos marcas de suas práticas, pois não haveria ações sindicais não corporais: os dedos em riste que marcam as falas de impacto, os punhos cerrados que retratam a disposição para a luta, o caminhar de “cabeça erguida em manifestações”, os “tons graves da voz que demarcam as falas”, o “corpo em posição imponente que demonstra a liderança”.

Esse olhar diferenciado para o corpo, um instrumento de trabalho primário do homem para a transformação da natureza, também é lembrado pelos entrevistados quando se referem aos trabalhadores rurais em suas atividades no campo: o trabalho da mão na colheita de frutos e de grãos de café e no manuseio do sisal para a confecção de cordas, fios e tapetes; a voz do boiadeiro para arrebanhar o gado; a mão que alisa o couro; os pés que amassam as uvas para o preparo do vinho, dentre outras.

Da mesma forma, o formador lança mão do seu corpo como instrumento de mediação da aprendizagem, de sua voz, de seus gestos e das formas de se situar e se posicionar no espaço do ambiente da formação. Mudanças na disposição e movimentação corporais foram retratadas na entrevista por meio de palavras, mímicas e simulações do cotidiano do formador.

Nos termos postos pelos entrevistados, o corpo do formador adquire substância política, nele estando amalgamados elementos da história, das relações políticas e sindicais por ele vividas em sua trajetória de docência sindical. A expectativa, conforme se depreende das falas dos entrevistados, é de que esse corpo demonstre o destemor da luta, que o olhar transmita segurança ao trabalhador-formando, que seu toque seja de alento e que transmita reciprocidade. São corpos que se relacionam com outros corpos, os dos formadores e dos formandos, que estão em constante transformação na experimentação de diferentes situações da vida e à medida que também buscam transformá-las.

Nas suas narrativas, os entrevistados citaram que determinados gestos, expressões, posturas corporais são efetivos para a “transmissão de conteúdos”, para a mediação pedagógica. Dentre eles: o olhar que aprova ou desaprova, o tom de voz alto quando querem marcar algo importante e o baixo para atrair a atenção para eles, o abraço que faz o aluno colocar-se de forma receptiva para os assuntos, os pés para ilustrar como Getúlio Vargas buscou ganhar o apoio tanto dos trabalhadores quanto da burguesia industrial (“um pé na aliança com os trabalhadores e outro na conciliação com a burguesia”), o caminhar no ambiente para atrair o olhar e a atenção, sair de trás da mesa e se posicionar próximo ao público e demonstrar que não têm medo deles.

O corpo é o mais elementar instrumento do homem na sua relação com o mundo, constituído no processo de hominização e dele constituínte. Machado (2010) trata da hominização por meio dos instrumentos de trabalho e descreve esse processo em dois momentos que acontecem concomitantemente: por meio dos instrumentos primários do homem, como a corporeidade de seus braços, pernas, cabeça, mãos e pela sua orientação para o objeto. Assinala que “[...] na sua apropriação deste, o homem se hominiza, os órgãos humanos deixam de ser tomados como simples utilidade e se tornam efetivamente humanos”. (Machado, 2010, s/n).

Nas suas falas, os formadores buscaram associar suas visões pedagógicas com o sentido da utilização de seus corpos como instrumentos políticos e de estímulo à aprendizagem de seus alunos. Nesse sentido, trouxeram exemplos concretos de

quando, junto aos seus formandos, eles utilizaram técnicas de jogos corporais, da representação das formas de pensar e atitudes de determinadas pessoas na sociedade (jogo dos papéis), de interpretação de temas específicos como democracia sindical, de como organizar uma assembleia (sociodrama), de como improvisar um discurso utilizando-se do microfone.

Com essas ações, eles buscaram reforçar o sentido da importância que o corpo tem para eles como instrumento mediador. Destacaram que, quando estimulam a consciência corporal dos “companheiros” por meio dessas técnicas, as respostas deles evidenciam ter ocorrido um maior aprendizado. Trata-se de um processo que encontra em Leontiev um significado importante:

[...] a fase de preparação donde surge o pensamento humano torna-se conteúdo de ações independentes orientadas para um fim e pode posteriormente, tornar-se atividade independente, capaz de se transformar em uma atividade totalmente interna, isto é, mental. (Leontiev, 2004, p. 91).

Percebe-se, nos relatos dos formadores, um alinhamento com os referenciais sócio-históricos, que ressaltam o corpo no seu processo de hominização e humanização. Corpo que se transforma ao transformar objetos, interagir com o mundo e com os corpos dos outros sujeitos e que se afirma ao mediar o conhecimento, ao materializar o motivo que confere a esses formadores o sentido da finalidade de ensinar.

134

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada com os formadores sindicais identificou os sentidos pessoais por eles dados aos instrumentos pedagógicos utilizados na sua atividade formativa e trouxe informações importantes a respeito desses para a mediação da aprendizagem. Embora não tivesse essa intenção, ela acabou tendo caráter de intervenção, pois cada um deles se mostrou mobilizado a discutir a questão da própria formação no campo da didática, discussão que atingiu um patamar mais crítico quando passavam a perceber que lhes faltavam reflexões sobre o assunto.

Esse sentimento ficou evidenciado nos relatos dos formadores ao se referirem às suas respectivas formações didáticas e metodológicas e aos riscos da reprodução acrítica de concepções dominantes acerca da educação, do trabalho e da formação do trabalhador. Essa é uma questão que mereceria ser mais aprofundada em investigações sobre formação sindical.

Mas, mesmo sem ter uma incursão consistente na discussão de significados sociais e sentidos pessoais, os formadores entrevistados falaram sobre seus instrumentos pedagógicos, contextualizando-os em suas respectivas práticas educativas. Foi possível identificar nas suas falas diferentes construções teóricas sobre o tema.

Os sentidos pessoais relacionam-se com significados sociais para a formação da consciência, porém não são necessariamente coincidentes. O exemplo dos projetores, também por eles chamados de *data show*, é elucidativo a esse respeito: ao afirmarem que os utilizam no cotidiano da formação e que eles podem ajudar a levar uma série de informações, reproduzem um significado social corrente de positividade; ao mesmo tempo, também acham que ele pode ser um simples modismo e que um bom formador não pode ficar dependente dele.

De maneira propositiva, ao expressarem os sentidos pessoais que atribuem aos instrumentos pedagógicos os formadores entrevistados, numa postura de criação, trouxeram diversos elementos contributivos para pautar as possibilidades de reflexão sobre as atividades de formação sindical e seus instrumentos pedagógicos. Além de elencarem os que usam e como os compreendem em seus significados e sentidos pessoais, eles apontaram para ações concretas, que podem subsidiar estratégias e escolhas de instrumentos pedagógicos para a formação sindical com vistas ao seu aperfeiçoamento.

135

As contribuições da teoria histórico-cultural e as reflexões dos formadores sobre seus instrumentos pedagógicos propiciaram constatar questões que demandam mais investimentos na produção de conhecimento sobre atividades formativas políticas e sindicais, incluindo a necessária consideração pelos sentidos pessoais.

Especificamente, a discussão sobre a importância e a relevância do corpo como instrumento pedagógico trouxe uma questão que precisa ser mais aprofundada como resposta pedagógica, histórica e social. Ela evidencia que a criatividade na utilização do corpo pode concorrer para as possibilidades de superação do instrumentalismo e aportar aos instrumentos extracorpóreos a lógica histórico-cultural mediante a qual o processo formativo é forjado e re-significado à luz das transformações por ele produzidas.

A análise dos resultados da pesquisa de campo buscou identificar e informar o que foi apontado como importante e útil para a prática formativa sindical do campo e, ainda, as contribuições que os próprios formadores fizeram no momento das entrevistas com a intenção de auxiliar no processo de forma criativa.

Posto isto, entende-se que o ato de refletir sobre o instrumento de trabalho, partindo dos seus motivos para uso e das leituras dos sentidos pessoais a eles dados, propicia a criação e a inovação. O teatro mostrou-se como uma arte que tem muito a colaborar com a prática docente, pois suas técnicas e abordagens se estribam na necessidade de se comunicar com o outro e de realizar mediações usando o próprio corpo.

O corpo em sua materialidade aparece como um instrumento pedagógico para a formação e também como instrumento do trabalho na prática sindical. O sentido dado a ele é o de ser um instrumento elementar e sobre o qual teme preciso ter total domínio. Nesse ponto, uma questão não pôde ser elucidada pelas limitações desta pesquisa: quais são as implicações para a mediação de conhecimento para aqueles que não compreendem o seu corpo como um instrumento pedagógico? E quais as implicações disso para formadores e formandos?

REFERÊNCIAS

136

- Bandeira, D. (2009) *Materiais Didáticos*. Curitiba: IESDE, 448 p. Disponível em: https://www.academia.edu/10850993/Materiais_did%C3%A1ticos.
- Corrêa, J. G. S (2009). *Formação de trabalhadores e movimento sindical: desenvolvimento e consolidação da Política Nacional de Formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) na última década (1998-2008)*. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado). Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Freitas, O. (2007) Equipamentos e materiais didáticos. Brasília: Universidade de Brasília. Frigotto, G. (1987). Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: Impasses teóricos e práticos. In: C. M. Gomes et al. *Trabalho e Conhecimento: dilemas na Educação do Trabalhador*. São Paulo, Brasil: Cortez; Autores associados.
- Gimenez, E. (2001). Del gesto en general. Ejercicio 8º. Primer curso. Barcelona. *Assaig de teatre: revista de l'Associació d'Investigació i Experimentació Teatral*, p.135-140. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/assaigteatre/article/viewFile/145666/248746>.
- Ianuskiwts, A. D. (2010). *Significado Social e sentido pessoal da atividade docente do professor de inglês da escola pública*. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFScar.
- Leontiev, A. (1978). *Actividad, consciencia y personalidad*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Ciencias del Hombre.
- Leontiev, A. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. 2. ed. São Paulo, Brasil: Centauro.

- Libâneo, J. C. (2012). *O Campo Teórico-Investigativo e Profissional da Didática e a Formação de professores*. Didática e formação de professores: perspectivas e inovações. Goiânia, Brasil: CEPED; PUC Goiás.
- Libâneo, J. C. (2011). *Adeus Professor, Adeus Professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Libâneo, J. C. (1994). *Os métodos de ensino*. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Machado, L. (2010). Instrumentos de trabalho. In: D. A. Oliveira, A. C. Duarte, L. F. Vieira. *Dicionário trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte, Brasil: Gestrado, FAE, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.gestrado.net.br/?pg=dicionario-verbetes&mp:id=62>.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Brasil: Boitempo Editorial.
- Nascimento, E. L. (2011). A dupla semiotização dos objetos de ensino-aprendizagem: dos gestos didáticos fundadores aos gestos didáticos específicos. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 14, n.1, p. 421-445. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/8643>.
- Santos, C. F. (2011) Praticismo e conhecimento na educação popular. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 7, n. 11 p. 157-173, jul./dez. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/715/682>.
- Sforni, M. S.F. (2015) Interação entre Didática e Teoria Histórico-Cultural. *Educ. Real*. [online]. v.40, n.2, p.375-397. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623645965>.
- Torres, J. C; Carballo, F. T. (2010). El teatro como instrumento pedagógico para el desarrollo de competencias: una experiencia en el campo del management teórica de las competencias aplicada a las empresas. València. *Revista de innovación educativa*. Universidad de Valencia. n.4, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/josefina.baetens/Downloads/DialnetElTeatroComoInstrumentoPedagogicoParaElDesarrolloD-3238534%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/josefina.baetens/Downloads/DialnetElTeatroComoInstrumentoPedagogicoParaElDesarrolloD-3238534%20(1).pdf).
- Vygotsky, L. S. (2001). *A Construção do Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1998). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, Brasil: Ícone; Ed. Universidade de São Paulo.

